

Manejo da floresta na formação de roçado, por uma População Indígena da Amazônia*

Forest management in the preparation of fields, by an Amazonian Indigenous People

Edilevi dos Santos Marques**
Hiroshi Noda***

Resumo: Este trabalho apresenta a forma de manejo da floresta na formação de “roçados” pela população indígena Deni, desde a escolha da área até a confecção da farinha. Usou-se como referência o manejo em sete comunidades ao longo dos rios Xeruã e Cuniuá, no estado do Amazonas, Brasil. Ao manejarem a floresta para a formação de áreas cultivadas, estas são deixadas em “pousios” após dois anos de uso e enriquecidas com outras espécies domesticadas, transformam-se em sistemas agroflorestais onde se tornam locais permanentes de coleta de frutos e de caças que ali buscam abrigo e alimento. A farinha de mandioca é o principal produto originado do roçado e um importante instrumento de troca com outros produtos e artefatos não produzidos pela população Deni.

Palavras-chave: sistema agroflorestal; pousio; Deni.

Abstract: This paper presents the form of forest management in the formation of “roçados (cropping lands)” by the indigenous population Deni, from the choice of the area to the manufacture of flour. Used as reference management in seven communities along rivers Xeruã and Cuniuá in state of Amazonas, Brazil. By handling the forest for the formation of cultivated areas, they are left “fallow” after two years of use and enriched with other domesticated species become in agroforestry systems where they become permanent collection of local fruits and fighter jets that there seeking shelter and food. The cassava flour is the main product originated from roçado (cropping lands) and an important instrument of exchange with other products and not artifacts produced by Deni population.

Key words: agroforestry systems; fallow technique; Deni

* Este artigo foi extraído de minha tese de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Tropical e Recursos Naturais do convênio INPA-UFAM, e teve apoio financeiro da Associação Civil Greenpeace e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

** Mestre em Ciências Agrárias pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (2004), área de concentração em Ciências de Florestas Tropicais, Analista Ambiental do Instituto Ambiental do Estado do Amazonas (IPAAM). E-mail: levi.autazes@hotmail.com

*** Doutor em Genética e Melhoramento de Plantas pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (1981), pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). E-mail: hnoda@inpa.gov.br

1 Língua e autodenominação

Os Deni pertencem à família linguística Arawá, do tronco Aruak. Segundo o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Deni, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2000), é possível notificar atualmente a presença dos seguintes subgrupos (LOEBENS *et al.*, 2001):

- a) *Seruva Kude Deni*: povo do Xerua, como se denominam os Deni do Cuniuá;
- b) *Upanava Deni*: vieram do outro lado do rio Purus, depois ocuparam os rios Pauni, subiram o Mamoriá e o Aruá, até chegar ao rio Cuniuá, são maioria na comunidade Marrecão na parte mais próxima à beira do rio;
- c) *Bukuré Deni*: vieram do rio Aruá, afluente do Cuniuá, sendo maioria nas comunidades Visagem e ex-Kumarú Novo (atual Samaúma);
- d) *Kuniva Deni*: vieram do baixo rio Cuniuá, são maioria na comunidade Buzina;
- e) *Varasa Deni*: vieram do rio Xerua, são maioria nas comunidades Madu Sikuri (uma parte do Marrecão) e Cidadezinha;
- f) *Minu Deni*: são provenientes do igarapé Curabi, afluente do rio Xerua, são maioria na comunidade Morada Nova;
- g) *Katu Deni*;
- h) *Hava Deni*: povos do patauá são majoritários na comunidade Terra Nova e na terra Indígena Deni;
- i) *Tamakuri Deni*: são maioria na comunidade Marrecão na parte mais próxima à pista de pouso;
- j) *Mei Vesse Deni*: povo da taioba branca;
- k) *Makui Deni*: são maioria na comunidade Itaúba;
- l) *Zumahi Deni*: povo da onça, existe apenas um representante na terra indígena;
- m) *Putavi Deni*: também possui apenas um representante.

No entanto verifica-se que esses subgrupos encontram-se misturados, sendo comum a presença de vários indivíduos morando (muitos deles casados) em outras comunidades de subgrupos diferentes.

2 O ambiente ocupado

2.1 Coordenadas geográficas e políticas

Afluentes do rio Solimões, o rio Purus, com 3.210 km, e o Juruá, com 3.370 km, abrigam em suas planícies o habitat do povo indígena Deni, localizados às margens dos rios Cuniuá, afluente do rio Tapauá (afluente do rio Purus), e o rio Xeruã, afluente do rio Juruá.

O rio Xeruã, afluente direto do rio Juruá, se estende de forma sinuosa por, aproximadamente, 300 km até a última aldeia. O rio Xeruã apresenta situações extremas de navegabilidade, pois, na época da cheia dos rios (inverno amazônico), o rio pode chegar a aproximadamente 100 metros de largura no divisor de água com o rio Juruá, possibilitando a entrada de barcos de médio porte, no entanto, durante o período da vazante (verão amazônico), o volume de água limita as embarcações que adentram o rio Xeruã, podendo ser observadas apenas pequenas embarcações. Outro fator limitante durante essa época é a presença de paus e troncos de árvores submersos no rio, muitos deles quase imperceptíveis aos olhos dos navegadores, tornando-se perigo em potencial. O rio Xeruã e seus afluentes apresentam características que não contribuem para uso de várzeas como áreas agricultáveis. Devido a apresentar águas pretas, acidez elevada, não há deposição de nutrientes minerais que possam enriquecer agronomicamente suas margens no período das chuvas (inverno amazônico).

O rio Cuniuá afluente direto do rio Tapauá apresenta água parecida com o do rio Xeruã, com coloração escura e acidez elevada, no entanto o volume de água desse rio possibilita a navegabilidade de barcos de médio porte, durante o ano todo.

A cobertura vegetal que configura a paisagem da terra Deni encontra-se distribuída em diversos ecossistemas, formando diversos estratos e formas vegetais.

- a) Nas áreas de terra firme pode ser encontrada a vegetação de maior porte, favorecida pelo processo de retroalimentação, onde a ciclagem de nutrientes garante a formação de grandes áreas de florestas densas.
- b) Outro tipo de vegetação que comumente se encontra nesta área é a vegetação dominada por palmáceas. Devido à formação de áreas alagadiças, formadas pela má drenagem da água de chuvas, cria-se um ambiente adequado para o desenvolvimento de palmeiras como o buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.), açai (*Euterpe oleracea* Mart.), jauari (*Astrocaryum jauari* Mart.) e outras.

A terra identificada e delimitada como Terra Indígena Deni, conforme determinado pelas portarias n° 1.028, de 6 de novembro de 1998, n° 126 de 1°

de março de 1999, está localizada na região sudoeste do Estado do Amazonas, nos municípios de Itamarati e Tapauá. A área da Terra Indígena Deni possui, aproximadamente, 1.530.000 ha (um milhão quinhentos e trinta mil hectares) e suas coordenadas são as seguintes: **Norte:** 06° 03'14 "S e 67° 49'29"W, **Leste:** 06° 37'43"S e 66° 21'24"W, **Sul:** 07° 18'08"S e 67° 30'40"W, **Oeste:** 07° 05'23"S e 68° 40' 21"W (Figura 1). Atualmente os rios Cuniuá e Xeruã encontram-se habitados quase que totalmente pelo povo Deni em consequência do extrativismo falido e pela orientação de não adentrarem na terra indígena, motivo pelo qual se retirou a população não indígena daquela área.

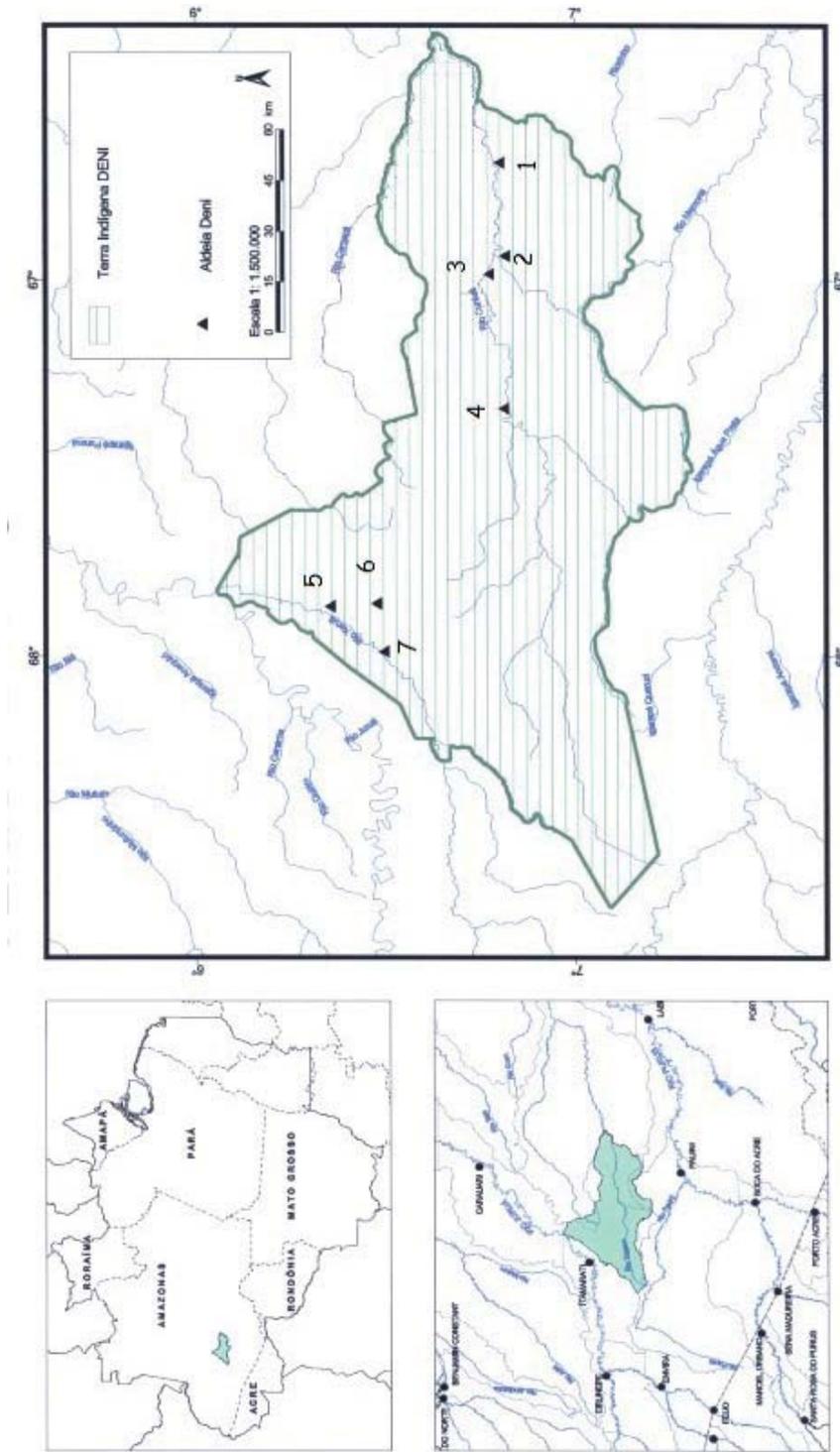


Figura 1 - Mapa da área indígena Deni. Localização das aldeias - Rio Cuniuá: 1. Cidadezinha 2. Marreção 3. Samaúma 4. Viazi. Rio Xerua: 5. Boiador 6. Morada Nova 7. Itaúba.

Fonte: www.greenpeace.org.br

3 Procedimentos metodológicos do trabalho de campo

O trabalho realizado teve início a partir de meados de 2001, através de seleção de material bibliográfico e reuniões periódicas, nas quais grupos representando o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Núcleo de Estudos rurais e Urbanos Amazônico (NERUA), GREENPEACE e Conselho Indigenista Missionário (CIMI), discutiram a forma de intervenção do trabalho de campo, o qual foi realizado nos meses de abril, maio e junho de 2002 junto às comunidades indígenas Deni, e a partir de julho do mesmo ano se iniciaram as análises dos dados, finalizados em janeiro de 2003 e abrangeram aspectos do ambiente natural que permitiram compreender as formas de organização e a dinâmica da população Deni e relacionando-os a composição de suas características socioeconômicas.

O trabalho realizado foi caracterizado por coleta de dados primários e secundários, sendo estes últimos corroborados, ajustados ou refutados através de visitas a campo, onde puderam ser observados, qualificados e quantificados aspectos do suporte socioeconômico e ecológico da área. Os dados de campo foram obtidos e analisados criteriosamente para que pudessem servir de base para projeções de trabalhos futuros voltados para a conservação e sustentabilidade junto a essa população.

A partir desse entendimento, buscou-se desvendar de que forma a ocupação humana do espaço social e o sistema de produção agrícola e extrativista na área obedecem a arranjos padronizados, em função de fatores naturais e culturais que a modelam e estabelecem limites ao espaço físico e à expansão e duração da ocupação social desse espaço.

Com o objetivo de avaliar as reações da população Deni frente aos diversos ambientes naturais e modificados e relacioná-las com a formação e manutenção de sua qualidade de vida, buscaram-se procedimentos, através do estudo reflexivo e da ação empírica, conforme aponta Noda (2000).

4 O plano para levantamento de dados empíricos

Procurando atender aos objetivos propostos, foi elaborado em conformidade aos preceitos apresentados em Noda (2000) um esquema geral para coleta de dados constando de:

a - leitura e seleção de material bibliográfico, para obter-se dados sobre os principais tópicos históricos regionais e as categorias de análise para o conhecimento dos fenômenos.

As categorias de análise utilizadas foram:

Comunidade: entendida como lugar e enquanto tal representa o poder e

a superioridade do coletivo sobre o pessoal e individual nas relações sociais, ecológicas e na produção do espaço; é um espaço físico e social onde se manifesta a organização do sistema ecológico compreendido no conhecimento ecológico tradicional (Noda, 2000).

Ecossistema: entendida como uma unidade ecológica fundamental relacionada às espécies associadas de organismos vivos em ambiente físico abiótico e às relações estruturais e funcionais entre as mesmas (MORAN, 1994).

Sistema agroflorestal: entendido com duplo sentido (MORAN, 1994): como a produção realizada em espaços ecológicos a partir da utilização de trabalho humano; e como as áreas de plantio com técnicas tradicionais, agricultura autossuficiente por prover alimentos e produtos para as famílias. Caracteriza-se pelos plantios de roça, a formação de capoeira com a técnica de pousio, o extrativismo animal e vegetal, a criação animal e os sítios ou terreiros (NODA, 2000).

Organização da Produção: entendida a partir do conceito de Morin (1998) como as inter-relações associativas e recorrentes manifestas no comportamento de produzir as espécies de flora e fauna em acordo com as unidades de paisagem e os usos para atendimento de necessidades.

b - pesquisa de campo, a partir de visitas às localidades para coleta de dados primários, questionário socioeconômico e ecológico, registro fotográfico, história de vida, observação participativa e de entrevista com ou sem roteiro prévio.

Nas visitas, realizamos o levantamento de dados primários junto aos Deni para atualizar os dados levantados na bibliografia existente, confrontar os dados bibliográficos de maneira a satisfazer os objetivos da proposta, além de reestruturar os mesmos e levantar dados não relatados.

Na aplicação das técnicas na pesquisa de campo foi utilizada a técnica de abordagem e observação de grupo focal ou grupo de discussão.

Vale salientar que a presença de uma organização não governamental religiosa, vinculada à igreja evangélica Luterana e conhecida como “Novas Tribos”, que ali se encontra há anos impediu que quantificássemos algumas etapas do processo do sistema de produção da cultura Deni. O fato nos levou a dedicarmos maior tempo em outras técnicas de intervenção na tentativa de obtermos dados confiáveis.

Nas aldeias localizadas no rio Xerua, a pesquisa de campo foi realizada em Morada Nova, Boiador e Itaúba, por meio de grupos mistos formados por homens e mulheres, sendo que houve predominância dos homens.

5 Métodos e técnicas de campo

As técnicas utilizadas na Intervenção Empírica foram:

Questionário: constituído de perguntas abertas, fechadas e de reforço.

Entrevistas: Abertas sem roteiro prévio para coletar informações referentes à importância da conservação dos recursos naturais terrestres e aquáticos. As entrevistas foram feitas, na maioria das vezes, nas casas dos entrevistados, geralmente acompanhadas por muitos outros Deni, que não hesitavam em dar opiniões, ainda que não fossem solicitadas, logo se pode concluir que as entrevistas eram coletivas.

O levantamento passou por fases múltiplas e consecutivas acontecidas durante os três meses de trabalho de campo, onde questões abertas foram feitas para saber-se:

a. As formas de utilização das plantas – através de trilhas onde em média duas pessoas da comunidade, pacientemente, detalhavam a espécie (nome da árvore), partes utilizadas e tipos de uso. Posteriormente, essas informações eram confirmadas e melhoradas nas entrevistas feitas na aldeia, onde os presentes faziam questão de lembrar outras espécies e usos.

b. Os mecanismos de manejo do *habitat* – estas informações foram conseguidas através de observações feitas no dia a dia, em visitas aos roçados, florestas e nas próprias aldeias.

c. As propostas de manejo e conservação usadas e percebidas como necessárias para o futuro recente.

Para identificação científica das plantas e complementação dos dados, foram executados levantamentos através de bibliografia especializada, consulta a coleções botânicas e zoológicas de instituições da região e auxílio de profissionais em botânica.

6 Resultados e discussão

Técnicas e manejo dos recursos naturais utilizados na agricultura

Preparo da área

A maioria das atividades de preparo da área e colheita do povo Deni do Rio Xeruã, parece não se diferenciar de uma comunidade para outra, o que nos leva a fazer uma redação única, exceto nos casos em que for necessário destacar atividades peculiares a cada comunidade.

Os roçados apresentam formas retangulares e circulares. No entanto este último está perdendo espaço para a forma retangular, pois, para os Deni, parece tornar-se mais fácil o manejo e a divisão da área.

A área desmatada, após a formação do roçado, tem sua margem tomada por plantas invasoras e não apresenta nenhuma cultura, limpo apenas no centro. No entanto algumas culturas recebem tratos culturais, como é o caso dos bananais, que são bem limpos, recebendo capinas constante; segundo os Deni, a banana cresce mais bonita quando a terra está limpa em baixo, o restante das culturas recebe apenas capina esporádica, para evitar que plantas invasoras se sobreponham às plantas cultivadas. O processo inicial de formação do roçado tem início com a broca seguido da derruba, , cujo dia para início é determinado pela maior liderança da aldeia.

Pode ser observado também que os roçados, após a queima, não recebem a prática da coivara – atividade de amontoa e requeima da vegetação que ainda permanece na área - prática comum às populações tradicionais não indígenas do estado do Amazonas, no entanto, por não praticarem essa atividade, os roçados Deni apresentam grande quantidades de árvores derrubadas e não queimadas, o que dificulta ainda mais o espaçamento entre plantas e, muitas vezes, as raízes de mandioca se desenvolvem debaixo de grandes árvores caídas tornando-as difíceis de serem retiradas.

Brocar é a prática de se ralar a área escolhida para o roçado, onde se elimina a vegetação baixa e menos resistente, como cipós e árvores de pequenos portes. Essa prática é feita utilizando-se facões. Esta é uma atividade exclusivamente de homens, incluindo crianças (a partir de sete anos, aproximadamente). O tempo para a atividade da broca é de, aproximadamente, 4 a 5 horas por dia, no período de dois meses, com intervalo de três dias, pois, é necessário um dia para pescar, outro para caçar ou outras atividades.

Após a broca, segue-se a derruba, outra prática exclusiva de homens, que culmina com a supressão da vegetação deixada após a broca, ou seja, árvores de médio e grande porte, que são derrubadas utilizando-se terçados e principalmente machados. A derrubada de uma árvore de grande diâmetro é feita apenas por homens adultos e com experiência, na tentativa de evitar acidentes. Logo, se faz necessário a construção, na base da árvore, de um girau de madeira (Figura 2).

O tempo para a derruba é de 6 a 7 horas por dia e aproximadamente de dois meses (realizado a cada três dias).

Verificou-se a presença da supressão de inúmeras árvores consideradas madeira de lei de alto valor comercial para a população não indígena, como visto nas figuras 2, no entanto essas árvores não são usadas pelos Deni com finalidade comercial ou mesmo para a construção de casas e permanecem no roçado, que são queimadas e posteriormente servem apenas para lenha.



Figura 2 - Índio Deni sobre um girau: artefato usado para derrubar árvores de grandes diâmetros. Rio Xerua, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

Após a derruba, esperam-se três meses para se atear fogo na vegetação suprimida, é o tempo necessário para que a vegetação esteja seca (com pouca umidade). O fogo é feito pelos homens e mulheres.

Coivara: consiste na amontoa e queima da vegetação que não queimou durante o processo da queima; essa prática é comum para os moradores da região amazônica, no entanto não é realizada pelos Deni (Figura 3).

O fogo é realizado por uma grande quantidade de pessoas durante apenas um dia, no entanto, se a queima não for considerada boa, no dia seguinte retorna-se à área e queima-se novamente, podendo essa prática levar, aproximadamente, três dias durante uma hora por dia. As pessoas são divididas por toda a margem do roçado e então o líder dá o sinal para que iniciem a queima.



Figura 3 - Vista de um roçado Deni: o processo de coivara não é realizado. Rio Xeruã, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

Após o preparo da área, inicia-se a divisão do roçado. Vale ressaltar que, por muito tempo, se utilizou o formato circular para os roçados, no entanto tornava-se bastante difícil a divisão, logo passaram o usar a forma retangular. Essa prática é comandada pelo líder, o qual decide a parte de cada um, sendo sua parte a de maior área (em comum acordo). Essa divisão é feita em apenas um dia. Destaca-se o preparo da área como trabalho coletivo.

7 Cultivo

O Cultivo tem início a partir da divisão do roçado com o plantio da mandioca, sendo esta a principal espécie cultivada. No entanto, aos poucos, a área do roçado ganha novas espécies, transformando-se em um sistema agroflorestal, com plantas para diversas finalidades e usos (Figura 4). O Plantio das manivas (estacas de mandioca) não obedece a espaçamentos determinados, variando de 60 a 90cm de uma touceira de mandioca para outra, levando-se, aproximadamente, de 6 a 10 dias, dependerá do número de membros engajados no trabalho da família para realizá-lo, e 5 a 6 horas por dia para se plantar o roçado. Vale ressaltar que, quando um jovem Deni casa, ele vai morar na casa do pai de sua esposa, desempenhando atividades junto a essa família, portanto, ele ajuda na formação do roçado e, somente quando seu primeiro filho nasce, é que ele poderá sair da casa do pai da esposa.

No processo de plantio para a formação do primeiro roçado, o homem faz as covas e a mulher planta a maniva. Somente no replantio, período em que se colhe o primeiro roçado, é que a mulher, a colher as raízes, planta uma nova maniva na cova da colheita.

Os tratos culturais realizados pelos Deni obedecem à necessidade mínima que a cultura exige, e, na maioria das vezes, o que se faz é uma capina esporádica apenas quando a vegetação invasora começa a competir com as culturas pelo espaço, principalmente gramíneas, que frequentemente encobrem as plantas de abacaxi e tabaco.

O que pode ser observado é uma capina constante apenas nos bananais instalados no roçado, onde o solo se encontra livre de plantas competidoras.

A colheita das raízes de mandioca é feita de acordo com a necessidade de cada família e é realizada, principalmente, pelas mulheres, no entanto, eventualmente, os homens fazem esse trabalho também.

O arranquio é feito com as mãos e com a ajuda de um terçado (facão), caso necessite. À medida que se colhem as raízes de uma “touceira” de mandioca, na mesma cova se coloca outro pedaço de maniva (Figuras 4 e 5), sendo essa cova usada apenas duas vezes e, a partir de então, o roçado entra em processo de pousio – período em que a área recupera-se naturalmente, através do processo de sucessão vegetal – durante o pousio, o solo passa por recuperação física, química e biológica, podendo ser novamente usado após esse processo.



Figura 4 - Índia Deni no roçado: arranquio de raízes de mandioca. Rio Xeruã, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

Quando a mulher Deni vai ao roçado fazer o arranquio das raízes, leva consigo o filho mais novo e as filhas, então, é durante esse momento que a mãe ensina aos filhos mais novos suas funções dentro da sociedade Deni, quando ao filho, desde a saída da casa, vai lhe mostrando o tipo de vegetação e lhe explicando para que serve. Interessante foi notar que, durante o percurso entre a comunidade e o roçado, o filho no ombro da mãe perguntava pelo nome de cada árvore, e a mãe pacientemente lhe respondia e pedia para que ele repetisse, entrando no processo de ensino-aprendizagem.



Figura 5 - Índia Deni no roçado: plantio de maniva na cova deixada pela colheita das raízes e no canto esquerdo inferior uma pupunheira. Rio Xeruã, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

No roçado, inúmeras vezes a mãe deixava o arranquio de lado e ia atender o chamado do filho que, deveria ter, aproximadamente, três anos, e lhe pedia pra apanhar a flecha (brinquedo) que ele havia jogado no mato, outras vezes para lhe mostrar um inseto. Toda essa calma e paciência, por parte da mãe, parecia que iriam se esgotar, pois, em alguns momentos, os chamados do filho eram tão próximos uns dos outros que se tornava difícil fazer seu trabalho, e novamente, pacientemente a mãe se direcionava ao filho e lhe atendia. A arranquio de raízes de mandioca era de aproximadamente três horas e realizado com intervalo de três dias.

Após a colheita, é a mulher também quem faz o transporte das raízes, que se dá em duas etapas, a primeira acontece do roçado até um igarapé (riacho), que se situa entre o percurso da comunidade e o próprio roçado, onde as raízes são despejadas, permanecendo imersas neste por, aproxima-

damente, três dias para que amoleçam. Após os três dias, a mulher retorna ao igarapé, retiram-se as cascas das raízes e coloca-se a massa úmida dentro de um paneiro (artefato de cipó) forrado com folhas de bananeira do mato. Então se inicia a segunda etapa do transporte, que se dá do igarapé até a casa de farinha localizada na comunidade.

Na casa de farinha, a massa é colocada num saco de ráfia e seguirá para uma prensa feita de varas e tronco de árvores (Figura 6), permanecendo nesta por, aproximadamente, uma hora, tempo suficiente para que a umidade necessária seja perdida. Após a prensa, a massa é peneirada e, então, é levada ao forno onde é feita a atividade de manufatura da farinha, e a mulher realiza esse trabalho, podendo algumas vezes ser realizada por homens.



Figura 6 - Prensa Deni: artefatos usados para retirada da umidade da massa da mandioca. Rio Xeruã, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

8 Beneficiamento

O processo de torrefação da farinha acontece em dois momentos. Primeiramente a massa já no forno, é escaldada, levando-se aproximadamente 2/3 do tempo total. No terço final, é que a farinha é propriamente torrada (Figura 7).

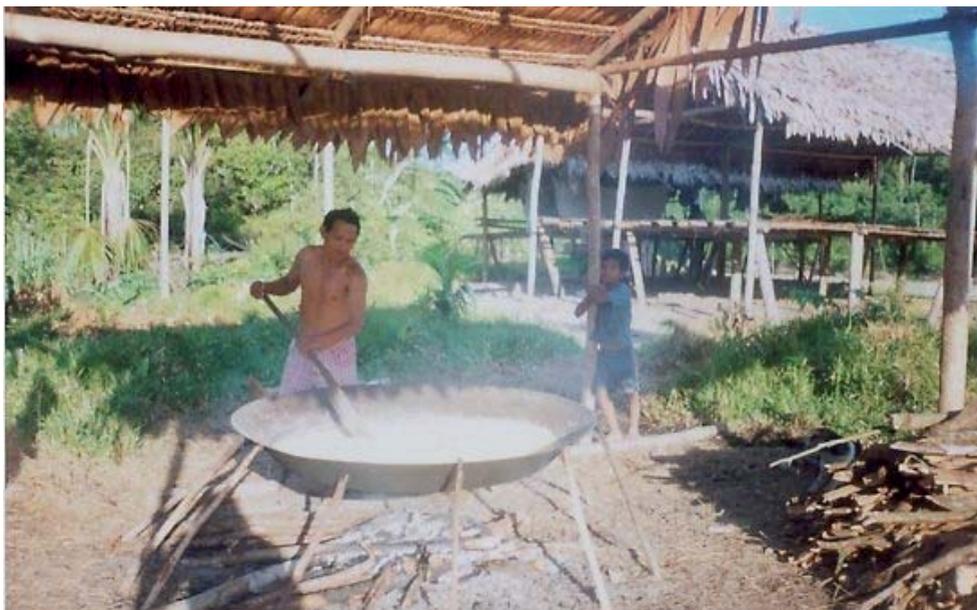


Figura 7 - Casa de farinha improvisada: forno sustentado por pedaços de varas, a casa de farinha é rapidamente improvisada. Rio Xeruã, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

A farinha é feita conforme a necessidade da família, que produz uma quantidade para suprir em média três dias de consumo e então, novamente, se retira outra quantidade de raízes para outra produção.

9 Tempo de uso do roçado Deni

Ao que chamamos de capoeira enriquecida, nada mais é do que antigos roçados deixados pelos Deni. Essa área, geralmente próxima às comunidades, será usada novamente, após 8 a 10 anos de pousio. A grande disponibilidade de terras para a implantação de novos cultivos permite que os Deni explorem a área do roçado por no máximo dois anos, ou seja, dois ciclos da mandioca, deixando essa área em pousio, enriquecida com espécies domesticadas, como a ingá, pupunha e o caju.

10 Roçado Deni – sistema agroflorestal

O roçado Deni é caracterizado também por apresentar cultivo em sistema agroflorestal. A distribuição das plantas na área não obedece a regras de espaçamento e, muitas vezes, apresentam superadensamento. Outras vezes, as plantas são distribuídas muito distantes umas das outras, principalmente as frutíferas perenes. As espécies cultivadas apresentam as mais diversas finalidades. Algumas espécies são usadas como veneno para matar peixes, processo em que suas folhas e, principalmente, sementes são maceradas junto com o barro da margem do rio ou lago e, em seguida, jogados dentro d'água, matando peixes asfixiados. Outras espécies apresentam uso de rotina como é o caso de tabaco (*Nicotiana tabacum* L.), usado na produção do *rapé* - produto consumido pelos Deni, oriundo da folha do tabaco após passar por um período no forno de farinha sobre fogo brando e, posteriormente, triturado e misturado à cinza de uma árvore da família das sterculiaceae, conhecida como cupuí (*Theobroma* sp.), o urucum (*Bixa orellana* L), cujo cultivo tem por objetivo a extração da semente que é envolvida por um pigmento de coloração avermelhada, usado para se fazer pinturas no corpo dos Deni.

Dentre as diversas espécies que compõem o sistema agroflorestal Deni, temos as frutíferas perenes e anuais.

Dentre as frutíferas anuais, destacam-se as seguintes espécies:

a) **Cana-de-açúcar**: plantada na margem do roçado, sendo bastante consumida nas comunidades. Durante período de muita produção, esta planta é colhida e usada em rituais de festas entre homens e mulheres, incluindo crianças.

b) **Banana**: plantada em locais limpos, os bananais são grande fonte de alimento para as comunidades.

c) **Abacaxi**: plantado na margem do roçado, o abacaxi também é bastante consumido pelos Deni. Muitas vezes, as plantas de abacaxi se encontram tomadas por vegetação “invasora” e, quando isso acontece, o mato sofre uma leve capina.

Quanto às frutíferas perenes, notadamente apenas duas se destacam nos roçados Deni:

a) **Pupunheira**: distribuídas ao longo de toda a área do roçado e com maior concentração na parte central, esta espécie ajudará a compor, no futuro, o que chamamos de capoeira enriquecida, fato este já verificado em algumas capoeiras com idade de 6 a 9 anos.

b) **Cajueiro**: espécie muito cultivada pelos Deni, esta cultura parece ter sido introduzida há pouco tempo nos roçados, pois as plantas existentes – e são muitas – nesta área, ainda são jovens e não entraram em produção, daí ainda não serem observadas em capoeiras.

11 Outras culturas

Outras espécies também são encontradas nos roçados, no entanto parecem ter pouca ou nenhuma importância como fonte de alimento, devido à pouca quantidade de plantas cultivadas e/ou a falta de informações sobre elas pelos Deni, mas que, no entanto, ajudarão a enriquecer a capoeira durante o período de pousio do roçado. São elas: ingá Açú, mamão etc.

Os Deni veem na agricultura uma possibilidade de maior permanência no local, onde a reprodução social é ouvida como ladainha todos os dias pela manhã, cuja função é do líder maior da aldeia, o Patarahu.

12 Roçado

Na tentativa de estabelecer uma relação de uso de tempo e produção, usaram-se os dados colhidos na comunidade Boiador, por não apresentarem diferenças relevantes, em comparação às demais comunidades do Xerua.

Coletaram-se os dados da formação de um roçado, de uma área de 9 ha, aproximadamente, que pôde ser quantificado e qualificado desde a formação do roçado até a confecção da farinha (Tabela 1).

Tabela 1 - Mão de obra (Unidades de trabalho e operações efetuadas na Comunidade Boiador, rio Xerua, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

Operações	Quem realiza	Quantidade	Tempo
Broca	homens	30	2 meses, trabalhando de 4 a 5 horas por dia com intervalos de 3 em três dias
Derruba	homens	30	2 meses, trabalhando de 6 a 7 horas por dia com intervalos de 3 em três dias
Queima	homens e mulheres	30	1 dia
Divisão do roçado	homens	indeterminada	1 dia
Plantio	Homens e mulheres	6 a 10 dias Dependará do número de membros da família	5 a 6 horas por dia
Colheita	mulheres (eventualmente homens)	cada um colhe o seu	3 horas de 3 em 3 dias aproximadamente
Transporte	mulheres (eventualmente homens)		
Torrefação	mulheres eventualmente Homens)		

A quantificação e correlação dos processos de confecção da farinha foram verificadas durante a colheita, em roçados individuais, das raízes até a torrefação, onde se pode observar que, para a produção de 1kg de farinha, são necessários, em média 4,22kg de raízes (Tabela 2).

Tabela 2 - Produtividade do sistema de produção Deni, rio Xeruã, município de Itamarati, Amazonas, Brasil, 2002.

RAÍZES (KG)	MASSA ÚMIDA (KG)	MASSA SECA (KG)	MASSA PENEIRADA(KG)	FARINHA (KG)
40	25	20	19	10
26	17	13	12,5	5
19	15	13	12,5	6
25	17	14	13,5	6
26	18	15	14	6
70	34	27	25,5	16
20	12,5	10,5	10	4,5
22	14	11,5	11	5
23	14	12	11,5	5,5
27	16,5	13,5	12,5	6,5
28	17	13,5	12	6,5
29	18	14,5	13,5	7
30	18	15	14	7
30	19	15,5	14,5	7,5
34	21	17	16	8
43	26	21	19,5	10
492	302	246	321,5	116,5

13 Conclusões

Essa experiência em terra Deni possibilitou compreender a forma de manejo da floresta, bem como o modo de vida e a organização social e cultural.

O baixo impacto causado pela atividade agrícola dos Deni tem origem, principalmente, na baixa densidade demográfica, aliada ao estilo de vida desse povo.

A formação do roçado Deni retrata a realidade de um povo que tradicionalmente trabalha em coletividade, mesmo desenvolvendo atividades familiares.

O enriquecimento das áreas de roçados com outras espécies domesticadas - sistemas agroflorestais - está fazendo com que os Deni permaneçam por mais tempo em um mesmo local, diminuindo seu nomadismo.

A farinha, produto principal do roçado, além de alimento é a principal moeda de troca para os Deni, e é justamente através desse escambo que essa população adquire os artefatos e produtos de origens não indígenas.

O contato cada vez mais intenso com a sociedade não indígena desperta uma dúvida quanto às perspectivas de vida para os Deni, pois, no processo de contato com essa população, reside o interesse e o caráter de cada instituição, que poderá abrir horizontes e melhorias na qualidade de vida ou promover o desaparecimento de práticas tradicionais dessa população, verificada pela presença de uma organização não governamental evangélica denominada “novas tribos”, que introduziu novos conceitos e, ao mesmo tempo, suprimiu práticas tradicionais milenares desse povo. Parte da história dessa população mostra a fragilidade de um povo frente à ganância de exploradores, em que a riqueza de um povo foi trocada pela exploração e massacre, deixando para trás, um legado de doenças e lembranças tristes contadas por aqueles que viveram esta parte da história.

Referências

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Deni*. Brasília, 2000.

LOEBENS, Francisco; NODA, Sandra do Nascimento; MARTINS, Airton Urizzi; SILVA, Maria do Perpetuo Socorro; NODA, Hiroshi. *Amazônia: conservação e sustentabilidade indígena: Projeto Deni Cuniuá/Xeruã*. Relatório. Itamarati, AM, 2001. 77p.

MORAN, Emilio. *Adaptabilidade humana*. São Paulo: EDUSP, 1994. 445p.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 350p.

NODA, Sandra do Nascimento. *Na terra como na água: organização e conservação de recursos naturais terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia Brasileira*. 2000. 193f. Tese (Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

www.greenpeace.org.br